Autopoiese e Vida Psíquica

Repetição, vínculos e possibilidades de mudança

Humberto Maturana e Francisco Varela



Prof. Sérgio Costa

NEPP

APRESENTAÇÃO

Permanecer e transformar-se

O que acontece quando uma pessoa deseja mudar, mas retorna às mesmas escolhas, aos mesmos conflitos e às mesmas formas de sofrer? A pergunta atravessa a clínica psicanalítica. Ela também permite iniciar um diálogo com a autopoiese, desde que se preserve a diferença entre uma explicação da organização do vivo e uma investigação do inconsciente.

Este estudo apresenta conceitos de Humberto Maturana e Francisco Varela e propõe aproximações com Freud, Winnicott e Bion. Seu eixo é a tensão entre continuidade e transformação: como alguém pode modificar modos de sentir e de se relacionar sem experimentar toda mudança como ameaça à própria existência? A aproximação desenvolvida aqui tem caráter ensaístico e didático, não constitui uma teoria clínica validada da autopoiese.

O percurso começa pela biologia e avança para a experiência psíquica, a repetição, as defesas, os vínculos e a relação analítica. Ao longo da leitura, as formulações dos autores são indicadas por referências. As pontes entre esses campos são propostas de leitura deste e-book, não afirmações de que os autores tenham desenvolvido uma teoria em conjunto.

Uma vinheta inteiramente fictícia oferece, ao final, uma situação para discussão. Seu propósito é exercitar a escuta e a construção de hipóteses, sem transformar conceitos em rótulos para pessoas. O estudo se completa com perguntas de elaboração e referências para aprofundamento.

> **Pergunta orientadora: o que um modo repetitivo de viver procura preservar, e que outras possibilidades de existência podem ser construídas?**

Estudo teórico e didático | Primeira edição | 07/11/2026

© 2026 Prof. Sérgio Costa | NEPP

FUNDAMENTOS • 01

Maturana e Varela: o ponto de partida

Humberto Maturana e Francisco Varela foram pesquisadores chilenos cuja contribuição deslocou o estudo do vivo para a questão de sua organização. Em vez de começar pela finalidade atribuída a um organismo, o conceito de autopoiese pergunta quais relações o constituem como uma unidade que continua a produzir-se. O foco recai sobre um processo, não sobre uma substância imutável.

Um marco dessa formulação é o artigo de Varela, Maturana e Ricardo Uribe, publicado em 1974, que apresenta a caracterização dos sistemas autopoiéticos e um modelo mínimo. Em Autopoiesis and Cognition, de 1980, a investigação se articula à cognição e à autonomia do vivo. A árvore do conhecimento amplia a discussão sobre conhecer, linguagem e convivência.

É importante identificar o domínio original do conceito. Seus autores investigam a organização dos seres vivos; não apresentam uma metapsicologia freudiana. Desejo inconsciente, recalque, transferência e conflito pulsional pertencem a outro campo de problemas e a outra tradição de investigação.

Para a formação psicanalítica, esse encontro entre campos pode ser fecundo quando produz perguntas mais precisas. Pode tornar-se empobrecedor quando uma palavra da biologia parece substituir a escuta. Dizer que alguém se conserva não esclarece, por si só, o que ele deseja, teme, repete ou encontra na relação com o analista.

> **A autopoiese oferece uma maneira de pensar a organização do vivo. Sua aproximação com o psiquismo precisa ser explicitamente construída.**

Referências: Varela, Maturana e Uribe (1974); Maturana e Varela (1980; 1992).

© 2026 Prof. Sérgio Costa | NEPP

FUNDAMENTOS • 02

Autopoiese: a produção de si

Autopoiese pode ser apresentada como produção de si. O termo caracteriza uma rede de processos que produz componentes cujas interações regeneram essa mesma rede e constituem sua unidade. A ideia decisiva é circular: aquilo que é produzido participa da continuidade do processo que o produz. Não se trata de um ser que fabrica a si mesmo a partir do nada.

A célula é uma referência especialmente útil. Sua atividade metabólica participa da produção de componentes e da manutenção da fronteira que a distingue do meio. Essa fronteira, por sua vez, integra as condições de realização desses processos. A unidade viva depende de trocas materiais e energéticas, embora sua organização não seja simplesmente fornecida de fora.

Por isso, autopoiese não é sinônimo de independência absoluta, autossuficiência emocional ou capacidade de vencer sozinho. Também não equivale à reprodução: um organismo pode permanecer vivo sem produzir descendentes. O problema aqui é a conservação da organização que o constitui enquanto unidade viva.

Na passagem para a reflexão psicanalítica, é necessário evitar uma sedução da linguagem. O fato de uma pessoa narrar que se reconstruiu não demonstra que sua identidade seja uma unidade autopoiética no sentido biológico. A expressão pode funcionar como imagem de elaboração, mas imagem e definição científica não são intercambiáveis.

> **Produzir-se continuamente não significa existir sem o meio. A autonomia do vivo pressupõe condições concretas de existência.**

Referências: Varela, Maturana e Uribe (1974); Maturana e Varela (1980).

FUNDAMENTOS • 03

Organização, estrutura e mudança

Maturana e Varela distinguem organização e estrutura. Organização designa as relações que definem uma unidade como pertencente a determinada classe. Estrutura diz respeito aos componentes e às relações concretas que realizam essa unidade em um momento. Essa distinção permite pensar uma continuidade que não exige a permanência de todos os componentes.

Um organismo sofre mudanças ao longo de sua história. Na perspectiva estudada, ele permanece vivo enquanto essas mudanças conservam sua organização autopoiética. Não se deve concluir que qualquer mudança seja possível nem que a conservação seja garantida. Há transformações incompatíveis com a continuidade da unidade viva.

Por analogia, podemos perguntar como uma pessoa reconhece a si mesma durante mudanças importantes. Deixar uma função profissional, rever um casamento ou assumir uma posição diferente na família pode alterar referências de reconhecimento. Entretanto, essa continuidade subjetiva exige conceitos próprios da psicanálise, como identificações, relações de objeto, conflitos e elaboração de perdas.

A pergunta clínica não se limita a saber se o paciente mudou de comportamento. Interessa compreender que lugar aquele comportamento ocupava, que angústia sua modificação desperta e quais recursos permitem sustentar uma experiência nova. A diferença entre organização e estrutura inspira essa pergunta, mas não prova uma equivalência entre organismo e identidade.

> **Uma continuidade pode incluir mudanças. No campo psíquico, é preciso investigar o significado singular de cada permanência e de cada ruptura.**

Referência conceitual: Maturana e Varela (1980; 1992). Aproximação clínica: elaboração deste estudo.

© 2026 Prof. Sérgio Costa | NEPP

FUNDAMENTOS • 04

Autonomia não é isolamento

A autonomia, nessa perspectiva, diz respeito ao modo como a unidade viva se constitui e opera. A expressão fechamento operacional indica uma rede de dependências entre processos; não descreve uma parede que impediria trocas com o ambiente. Fechamento operacional e abertura material pertencem a planos distintos da descrição.

O meio pode desencadear mudanças, mas não determina livremente qualquer resposta que desejar. A estrutura presente do organismo participa das mudanças que podem ocorrer. Uma perturbação, portanto, não funciona como uma ordem que escreve diretamente o resultado no sistema. Isso não elimina a relevância do meio nem as consequências materiais de suas condições.

Na discussão clínica, essa formulação ajuda a questionar a expectativa de que uma explicação correta produza imediatamente uma mudança. Uma interpretação não se torna elaborável apenas porque parece clara ao analista. O momento do processo, a angústia mobilizada e a relação transferencial participam de sua recepção. Essa observação é uma aproximação entre campos, não uma dedução técnica da biologia.

Também seria inadequado converter autonomia em responsabilização absoluta pelo sofrimento. Violência, precariedade, discriminação e perdas têm efeitos reais. Reconhecer a participação do sujeito em sua experiência não apaga o ambiente nem autoriza atribuir à vítima a produção da agressão sofrida. Escutar exige sustentar essas dimensões em sua complexidade.

> **O encontro pode desencadear transformações, mas não autoriza imaginar que o analista controla por dentro a experiência do paciente.**

Referência: Maturana e Varela (1980; 1992). Implicações clínicas e sociais: reflexão deste estudo.

© 2026 Prof. Sérgio Costa | NEPP

FUNDAMENTOS • 05

Acoplamento estrutural e história

Acoplamento estrutural designa uma história de interações recorrentes na qual ocorrem mudanças estruturais congruentes entre unidades e seu meio, enquanto se conservam suas condições de continuidade. O conceito introduz uma dimensão histórica: a configuração atual não é compreendida apenas como reação instantânea a um estímulo isolado.

Não é necessário supor harmonia, intenção comum ou benefício psicológico para falar de recorrência de interações. Tampouco acoplamento significa fusão. As unidades mantêm suas distinções, embora participem de uma história de relações. Confundir esse conceito com um vínculo afetivo saudável produziria uma avaliação que a definição, sozinha, não oferece.

No campo psicanalítico, uma história relacional pode ser investigada por suas marcas afetivas, identificações e expectativas inconscientes. Alguém que viveu sob vigilância pode antecipar censura em situações ambíguas. Outro pode perceber um intervalo de resposta como abandono. Esses exemplos requerem investigação singular; não autorizam reconstruir toda uma infância a partir de uma reação atual.

A aproximação proposta consiste em prestar atenção à história do encontro, e não apenas a características fixas de personalidade. Quem espera ser humilhado pode falar de maneira defensiva; o interlocutor pode responder com irritação; essa resposta parece confirmar a expectativa inicial. Descrever a sequência abre perguntas, mas não distribui culpas nem revela automaticamente sua origem inconsciente.

> **História relacional não é destino. Repetições podem ser reconhecidas, interrogadas e ganhar novos desdobramentos.**

Referência: Maturana e Varela (1992). Exemplos relacionais: construções didáticas deste estudo.

FUNDAMENTOS • 06

Conhecer, observar e participar

Na biologia da cognição, conhecer não se reduz à recepção passiva de uma cópia do mundo. O observador participa das distinções com as quais descreve a experiência. Essa posição convida a examinar os critérios e as condições de nossas afirmações. Não significa que qualquer enunciado tenha o mesmo valor ou que o mundo material deixe de existir.

A linguagem e a convivência ampliam a investigação para o domínio humano. Entretanto, reconhecer a participação do observador não permite concluir que uma pessoa escolhe conscientemente tudo o que percebe. Muito menos permite transformar doença, violência ou sofrimento em meras narrativas que desapareceriam com uma mudança de vocabulário.

Na psicanálise, a posição de quem escuta também precisa ser interrogada. O analista seleciona detalhes, constrói hipóteses e é afetado pelo encontro. Pode confundir uma leitura teoricamente familiar com a experiência singular de alguém. A atenção à própria participação favorece uma escuta menos apressada, sem dispensar o enquadre e o trabalho de formação.

Uma hipótese ganha valor quando pode ser examinada na continuidade do processo. O paciente pode associar, discordar, silenciar, sonhar ou trazer material que modifica a leitura inicial. A interpretação deixa de funcionar como sentença sobre quem ele é e passa a integrar um trabalho de investigação. Esse compromisso com a revisão não implica ausência de rigor, mas responsabilidade pelas afirmações feitas.

> **Escutar inclui examinar como construímos aquilo que acreditamos ter compreendido.**

Referência: Maturana e Varela (1992). Articulação com a escuta: proposta deste estudo.

© 2026 Prof. Sérgio Costa | NEPP

DIÁLOGOS • 07

Freud: repetir e elaborar

Em Recordar, repetir e elaborar, Freud examina situações em que aquilo que não é recordado aparece na ação e na relação com o analista. O paciente não comunica o passado apenas como relato: também pode atualizá-lo no modo de esperar, responder, desconfiar ou demandar. A repetição passa a ser reconhecida no próprio trabalho transferencial.

Em Além do princípio do prazer, a compulsão à repetição ganha uma elaboração metapsicológica que inclui experiências desprazerosas e o problema do trauma. Reduzir essa discussão à ideia de que o sujeito repete para manter sua identidade apagaria dimensões centrais do pensamento freudiano. A repetição não possui uma única função nem uma explicação simples.

A autopoiese pode inspirar uma pergunta complementar: o que permanece reconhecível quando a mesma cena retorna? Porém, essa pergunta não explica pulsão, satisfação inconsciente, culpa ou resistência. Ela deve permanecer ao lado da investigação psicanalítica, sem ocupar seu lugar.

Uma pessoa pode declarar que deseja reconhecimento e, ainda assim, interpretar toda ajuda como humilhação. Não basta recomendar que aceite o apoio. É preciso investigar o significado de receber, depender e dever algo a alguém. Elaborar envolve atravessar resistências e reencontrar o problema em diferentes formas, ao longo do tempo. A compreensão intelectual pode participar desse processo, mas não o esgota.

> **Reconhecer uma repetição é um começo. Elaborá-la implica trabalhar o que ela mobiliza e o que impede outras saídas.**

Referências: Freud (1914), Recordar, repetir e elaborar; Freud (1920), Além do princípio do prazer.

© 2026 Prof. Sérgio Costa | NEPP

DIÁLOGOS • 08

Defesas, identidade e pertencimento

As defesas não são apenas erros a corrigir. Elas participam do manejo de conflitos e angústias, embora algumas possam restringir intensamente a vida. Uma leitura psicanalítica pergunta tanto pelo custo de uma defesa quanto pela função que ela assume em determinada organização psíquica e em determinado momento.

A posição de quem nunca precisa de ninguém pode proteger de experiências de dependência sentidas como perigosas. A exigência de perfeição pode oferecer reconhecimento e, simultaneamente, submeter a pessoa a um tribunal interno severo. Esses exemplos não são regras de interpretação. O mesmo comportamento manifesto pode adquirir sentidos muito diferentes em histórias distintas.

Identificações e pertencimentos também podem sustentar modos de existir. Quem foi reconhecido apenas por cuidar dos outros pode sentir culpa ao estabelecer limites. Nesse caso, uma mudança prática pode colocar em questão a imagem de pessoa boa, necessária ou amável. Investigar esse impasse é diferente de supor uma resistência voluntária ao bem-estar.

Na aproximação proposta, conservar-se psiquicamente pode significar manter referências conhecidas, mesmo custosas. O trabalho analítico, entretanto, não consiste em arrancar essas referências para instalar outras escolhidas pelo analista. Interessa ampliar a possibilidade de pensar o conflito e construir alternativas que o sujeito consiga reconhecer e sustentar. A transformação exige atenção às condições emocionais que a tornam possível.

> **Antes de combater uma defesa, é preciso compreender o sofrimento que ela procura conter e o sofrimento que ela produz.**

Leitura psicanalítica e exemplos didáticos. Diálogo com Freud (1914; 1920) e Winnicott (1971).

© 2026 Prof. Sérgio Costa | NEPP

DIÁLOGOS • 09

Winnicott: ambiente e continuidade

A contribuição de Winnicott permite aprofundar a importância do ambiente na constituição da experiência de si. Em O brincar e a realidade, criatividade, fenômenos transicionais e experiência cultural participam de uma investigação sobre o viver. A relação com o mundo não se esgota na adaptação exterior nem no recolhimento a uma realidade exclusivamente interna.

O brincar oferece uma referência para pensar experiências nas quais algo pode ser criado, encontrado e compartilhado. Quando há condições para experimentar, a pessoa pode descobrir modos de estar com o outro sem precisar apenas obedecer ou defender-se. Trata-se de uma perspectiva clínica própria, que não depende de provar que o self seja um sistema autopoiético.

A aproximação com a autopoiese pode ser formulada como uma pergunta: que condições relacionais favorecem mudanças que não sejam vividas como aniquilamento da continuidade pessoal? Essa ponte é interpretativa. Continuidade de ser e conservação da organização biológica não são conceitos equivalentes, ainda que sua comparação seja instigante.

Na clínica, isso convida a considerar a sustentação do enquadre, o ritmo e a capacidade de brincar com significados. Nem todo silêncio precisa ser imediatamente preenchido; nem toda conquista pode ser exigida como desempenho. O paciente pode precisar encontrar um espaço no qual sua experiência tenha lugar antes de conseguir formulá-la. A interpretação faz parte do trabalho, mas sua utilidade depende das condições em que pode ser recebida.

> **Transformar-se pode exigir um ambiente em que seja possível experimentar, sem reduzir a existência ao cumprimento de expectativas.**

Referência principal: Winnicott (1971), O brincar e a realidade. Comparação com autopoiese: proposta deste estudo.

DIÁLOGOS • 10

Bion: dar lugar ao pensamento

Em Aprender com a experiência, Bion desenvolve conceitos para investigar como a experiência emocional pode tornar-se disponível ao pensamento. Função alfa, reverie e a relação continente-conteúdo integram essa elaboração. O problema não é simplesmente acumular informações sobre o que acontece, mas considerar as condições em que uma experiência pode ser psiquicamente trabalhada.

Para o leitor iniciante, essa perspectiva ajuda a distinguir saber uma explicação e conseguir pensar uma emoção enquanto ela acontece. Alguém pode reconhecer que teme rejeição e, ainda assim, sentir qualquer diferença como uma ameaça insuportável. Nomear o medo é relevante, mas não equivale a transformá-lo imediatamente.

No diálogo aqui proposto, podemos perguntar se certos modos repetitivos de descarga restringem o encontro com experiências novas. A resposta precisa ser construída clinicamente. Não cabe chamar a função alfa de mecanismo de autopoiese: são conceitos elaborados em campos diferentes, com estatutos próprios. A comparação serve para investigar transformações, não para afirmar identidade entre teorias.

A relação analítica pode oferecer condições para que sensações, imagens e afetos encontrem formas de expressão. Uma pausa que antes precipitava um ataque pode, em algum momento, tornar-se ocasião para reconhecer a angústia. Esse deslocamento não segue uma sequência garantida. Pode ser instável, exigir retomadas e produzir novos impasses. O pensamento não elimina o conflito, mas pode ampliar a capacidade de permanecer em contato com ele.

> **Uma mudança relevante pode aparecer quando aquilo que precisava ser descarregado começa a encontrar possibilidades de ser pensado.**

Referência: Bion (1962), Aprender com a experiência. Aproximação interdisciplinar: elaboração deste estudo.

CLÍNICA E RELAÇÕES • 11

Vínculos, transferência e alteridade

O outro pode ser procurado como interlocutor e também investido como apoio de uma imagem de si. Em certos vínculos, diferenças são toleradas apenas enquanto não ameaçam posições conhecidas. O parceiro que discorda, o filho que se afasta ou o analista que não confirma uma expectativa podem mobilizar angústias intensas. A intensidade precisa ser escutada em sua história, e não tomada como prova de uma hipótese pronta.

A transferência oferece um campo para investigar essas experiências. O que o paciente espera que o analista faça? Que lugar lhe atribui? Como vive um limite, uma pausa ou uma incompreensão? Essas questões não devem ser respondidas apenas por dedução a partir de acontecimentos externos. Ganham consistência no material associativo e na continuidade do processo.

A participação do analista também importa. A pressa em tranquilizar pode impedir a expressão de um conflito; a insistência em interpretar pode tornar-se intrusiva. Examinar a própria resposta, com apoio da formação e da supervisão, ajuda a sustentar a diferença entre uma necessidade do paciente e uma necessidade de confirmação do profissional.

Na aproximação com a autopoiese, uma transformação não pode ser encomendada de fora. Isso não torna a presença do outro irrelevante. O encontro oferece condições, limites e diferenças com as quais o sujeito pode trabalhar. Reconhecer a alteridade significa admitir que o outro possui existência, desejo e limites que não se resumem à função de garantir a nossa estabilidade.

> **A relação analítica pode ampliar a possibilidade de estar com o outro sem exigir que ele apenas confirme o que já se conhece.**

Referências de diálogo: Freud (1914); Winnicott (1971); Bion (1962).

© 2026 Prof. Sérgio Costa | NEPP

EXERCÍCIO CLÍNICO • 12

Quando receber ajuda parece perigoso

Vinheta inteiramente fictícia. Helena, 39 anos, procura análise dizendo estar exausta por resolver tudo sozinha. No trabalho, revisa as tarefas dos colegas; em casa, antecipa as necessidades de todos. Quando recebe uma oferta de ajuda, sente irritação e logo encontra um motivo para recusá-la. Afirma: se eu depender, vou ficar na mão.

Nas sessões, espera que o analista perceba o que ela precisa sem que tenha de pedir. Quando ele faz uma pergunta, pode sentir que não foi compreendida. Em outras ocasiões, uma intervenção é vivida como tentativa de dizer como deve conduzir a própria vida. A leitura inicial de que Helena apenas precisa delegar mostra-se insuficiente.

Uma hipótese seria que a posição de indispensável reúne reconhecimento, controle e proteção contra a dependência. Essa hipótese não constitui diagnóstico e deve permanecer aberta. O analista investigaria associações sobre receber, confiar, dever e fracassar, além de observar como essas experiências aparecem na transferência. Também consideraria a sobrecarga real e as condições concretas de seu cotidiano.

A pergunta inspirada pelo diálogo com a autopoiese seria: o que essa forma de relação mantém reconhecível para Helena? A investigação psicanalítica acrescentaria: que conflitos, fantasias e formas de satisfação participam disso? Uma mudança possível poderia aparecer quando ela consegue formular um pedido, suportar uma resposta imperfeita e falar sobre a frustração, sem precisar imediatamente romper ou reassumir todo o controle.

> **A vinheta ilustra uma construção de hipóteses. Não representa resultado de pesquisa, caso real ou sequência obrigatória de tratamento.**

Material original fictício para estudo. Conceitos de apoio: Freud, Winnicott e Bion.

ELABORAÇÃO • 13

Estudar para ampliar a escuta

O percurso deste e-book permite manter duas perguntas em diálogo. A primeira investiga como uma unidade viva realiza sua continuidade. A segunda pergunta como um sujeito vive seus conflitos, repete posições e encontra possibilidades de elaboração. Aproximá-las não exige que recebam a mesma resposta. A diferença entre seus objetos é parte do rigor do estudo.

Na clínica, transformação não precisa ser medida apenas pela ausência imediata de um sintoma. Pode manifestar-se na capacidade de reconhecer um afeto, tolerar uma diferença, formular um pedido ou rever uma certeza sobre si. Esses sinais precisam ser avaliados no contexto singular e não como uma escala universal de amadurecimento.

1. Como você explicaria a diferença entre organização e estrutura sem recorrer a exemplos da vida psíquica? **2.** Por que fechamento operacional não significa isolamento material? **3.** Em que ponto a comparação entre autopoiese e repetição deixa de esclarecer e começa a simplificar?

4. Na vinheta de Helena, que elementos sustentam a hipótese proposta e que dados ainda faltam? **5.** Como distinguir o efeito de uma interpretação da necessidade do analista de vê-la confirmada? **6.** Que mudança poderia ampliar a vida de alguém sem exigir a negação de sua história?

A tarefa de estudo é sustentar a curiosidade diante dessas perguntas. O conceito ganha valor quando ajuda a perceber melhor; perde valor quando encerra a investigação. Uma escuta viva admite ser transformada pelo que encontra e continua responsável pelos limites do que pode afirmar.

> **O pior inferno é a incapacidade de pensar.**
> **Prof. Sérgio Costa**

Síntese e perguntas de elaboração deste estudo.

REFERÊNCIAS • 14

Fontes e leituras orientadas

Autopoiese e cognição

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *Autopoiesis and Cognition: The Realization of the Living.* Dordrecht: D. Reidel, 1980. DOI: 10.1007/978-94-009-8947-4.

VARELA, Francisco; MATURANA, Humberto R.; URIBE, Ricardo. Autopoiesis: the organization of living systems, its characterization and a model. *BioSystems*, v. 5, n. 4, p. 187-196, 1974. DOI: 10.1016/0303-2647(74)90031-8.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *The Tree of Knowledge: The Biological Roots of Human Understanding.* Edição revista. Boston: Shambhala, 1992. Obra conhecida em português como *A árvore do conhecimento*.

Diálogo psicanalítico

FREUD, Sigmund. *Recordar, repetir e elaborar.* 1914. Título traduzido também como *Lembrar, repetir e perlaborar*.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer.* 1920.

WINNICOTT, Donald W. *Playing and Reality.* London: Tavistock, 1971. Em português: *O brincar e a realidade*.

BION, Wilfred R. *Learning from Experience.* London: Heinemann, 1962. Em português: *Aprender com a experiência*.

Orientação de leitura

Comece pelos fundamentos da autopoiese e pela distinção entre organização e estrutura. Em seguida, retome Freud para estudar repetição e elaboração; Winnicott para investigar brincar e ambiente; Bion para aprofundar experiência emocional e pensamento. Os anos indicados para as obras psicanalíticas correspondem às publicações originais; a paginação varia conforme a edição.

Nota editorial

Ensaio didático de aproximação entre campos. As articulações clínicas são propostas interpretativas, sem equivalência demonstrada entre autopoiese e funcionamento psíquico. Capa com arte ilustrativa. © 2026 Prof. Sérgio Costa. NEPP. Primeira edição, 07/11/2026.

Links de consulta bibliográfica disponíveis no texto digital por meio dos DOI.